

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

YASMIN IARA LIMA GUEDES

História do Jornalismo e da política na transição de Território para Estado de Roraima:

A Folha de Boa Vista em 1988

BOA VISTA, RR
2013

YASMIN IARA LIMA GUEDES

História do Jornalismo e da política na transição de Território para Estado de Roraima: A Folha de Boa Vista em 1988

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR.

Orientador: Luís Francisco Munaro

BOA VISTA, RR
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

YASMIN IARA LIMA GUEDES

História do Jornalismo e da política na transição de Território para Estado de Roraima: A Folha de Boa Vista em 1988

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração, História, jornal impresso, política. Defendida no dia 2 de setembro pela seguinte banca examinadora:

Prof. Francisco Luís Munaro

Orientador / Curso Comunicação Social - UFRR

Prof. Msc. Maurício Elias Zouein

Curso Comunicação Social - UFRR

Prof. Roni Petterson de Miranda Pacheco

Curso Comunicação Social - UFRR

À minha filha e razão de seguir em frente, Maria Sofia e minha mãe Yamile Guedes. Obrigada por me mostrar o caminho certo.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha mãe Yamile Iaciara da Silva Guedes, por todo apoio moral e educacional ao longo de minha vida. Na dupla função de pai e mãe ao mesmo tempo mostrou que apenas o estudo nos levará a alcançar todos os objetivos da vida. Foi graças ao seu esforço em proporcionar uma educação de qualidade que hoje cheguei ao curso de bacharel que tanto sonhei.

Aos meus irmãos Yan Axel Guedes, Vitória da Silva Moura e Yago da Silva Moura que também estiveram comigo em vários momentos importantes. Aos meus avós Dona Dôra e Seu Fernando que ao longo de anos sonharam em ver filhos e netos na faculdade. Agora retribuo tudo a vocês.

A minha filha Maria Sofia que veio a este mundo quando eu estava no 6º semestre do curso de jornalismo e me mostrou que tudo é feito em cima de esforços. Aos três meses de vida começou a me acompanhar nas aulas.

Agradeço também aos meus professores, em especial ao Prof. Zequinha Neto (*in memoria*) que me incentivou a continuar no curso. Ao Prof. Mauricio Zouein, cujo tenho carinho imenso. Ao Prof. Roni Petterson pela compreensão em alguns momentos.

Ao meu orientador Prof. Francisco Luís Munaro, que em pouco tempo conseguiu me guiar pelos caminhos do trabalho e demostrou muita paciência. Muito obrigada mesmo.

A senhora Paula Cruz por me ajudar disponibilizando as edições do jornal Folha de Boa Vista para consulta para minha pesquisa.

Aos colegas de curso Alexandre Fetter, Carol Cruz, Jhonatas Ramos, Lana Francis, Mônica Padilha, Rhayana Araújo, Thirza Perin, Wesley Oliveira que mesmo na distância ainda estão em meu coração.

Aos amigos que conquistei nesses quatro anos e pretendo levar para vida toda: Adriana Cruz, Aline Leão, Amanda Teixeira, Dina Márcia Vieira, Jéssica Laurie, Michel Sales, Raquel Maia e Vanessa Vieira. Agradeço por tudo que fizeram por mim e por minha filha, até mesmo os puxões de orelha que recebi de vocês. Obrigada por muitas vezes vocês segurarem minhas mãos nos momentos mais difíceis da minha vida, pelos

momentos de conselho a não desistir, pelas alegrias e pelas tristezas. Nunca me esquecerei de vocês.

A imparcialidade é para o jornalismo um ideal.

Juarez Bahia

RESUMO

A história da Folha de Boa Vista está direcionada a partidos políticos e grupos de poder. Em 1988 nasce uma nova forma de comandar Roraima que antes de 5 de outubro daquele ano era considerado Território do Amazonas. Mas, para entender o caminho percorrido por este jornal e para se firmar até atualidade é necessário que haja um entendimento sobre a política local. Os governadores eram indicados pelo presidente da República, o que poderia ser a oportunidade de alguns em se firmar com a população nas futuras eleições. Foi utilizado o método as semana composta, porém o jornal não era diário. Sobre isso, foi utilizado a Análise do Discurso para entender as formas subjetivas da mensagem política nas matérias veiculadas.

PALAVRAS-CHAVE: História, Folha de Boa Vista, Política.

ABSTRACT

The history of the Folha de Boa Vista is directed at political parties and groups in power. In 1988 born a new way of running Roraima that before October 5 that year was considered Territory of Amazonas. But to understand the path taken by this newspaper and to sign up today there must be an understanding of local politics. The governors were appointed by the president, what could be the chance to take hold with some in the population in future elections. We used the method comprises the week, but the paper was not daily. About this, we used a discourse analysis to understand the subjective forms of political message in articles published

KEY-WORDS: History, Folha de Boa Vista, Policy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os jornais circulavam com supervisão do Governo.....p. 18
Figura 2 – "Reacende-se a chama da esperança".....p. 33
Figura 3 – Ilustração da Constituição de 1988 .....p. 41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Período das edições para análise do jornal *Folha de Boa Vista*.....p. 32

Tabela 2 – Publicações sobre política local na *Folha de Boa Vista*.....p. 32

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....p. 12

1. **UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O JORNALISMO: DE CONCEITO À PRÁTICA DO IMPRESSO.....p. 13**
   - 1.1 A IMPRENSA E A POLÍTICA: O JORNALISTA E A PAUTA POLÍTICA DO SÉCULO XX.....p. 16
   - 1.2 1980: A ÉPOCA DAS TRANSIÇÕES POLÍTICAS E NA IMPRENSA NACIONAL.....p. 19

2. **A POLÍTICA RETRATADA NO JORNAL IMPRESSO *FOLHA DE BOA VISTA* EM 1988.....p. 24**
   - 2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA À *FOLHA DE BOA* VISTA.....p. 24
   - 2.2 A HISTÓRIA DA *FOLHA*.....p. 30

3. **A TRANSIÇÃO DO PODER: RORAIMA VIRA ESTADO E FOLHA DE BOA VISTA MOSTRA SUA TENDÊNCIA.....p. 32**

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....p. 45

ANEXOS.....p. 46

REFERÊNCIAS.....p. 52

APRESENTAÇÃO

Falar de jornalismo requer um pouco de história para nos fazer entender sobre os reais sentidos da profissão. E dentro deste "sentido" está a reflexão sobre os processos de relacionamento do indivíduo com a sociedade da qual faz parte, o que caracteriza o ponto de partida para entender a política. O jornalismo este atrelado a essa necessidade de se relacionar com o todo desde as práticas tipográficas mais rudimentares; esboça-se mesmo, nalguns casos, a ideia de que o jornalismo pode ser equacionado antes mesmo do surgimento da tipografia, dada a necessidade de relacionamento sistemático do indivíduo com as formas de gerenciamento da comunidade de que faz parte. De qualquer forma, o jornalista não precisa estar vinculado a algum partido, mas acaba por se envolver em conflitos ideológico-partidários por conta da ideologia subjacente à empresa na qual trabalha.

Em Roraima, os primeiros registros da imprensa surgiram no início do século XX e, de uma forma independente começou a ganhar espaço no Território passando por mudanças significativas sobretudo no que concerne à transição para Estado da Federação. Retratar a história é trazer à luz um pouco do modo de vida dos que vivenciaram grandes mudanças no Brasil e Região. No ano de 1988, Roraima se preparava para a maior conquista local: a de se tornar Estado da Federação brasileira. Assim também iniciava o *reinado* de um dos políticos mais influentes do Brasil, que estabeleceu um ciclo de reeleições consecutivas respaldado por vasta atividade impressa: Romero Jucá Filho.

Anos antes da eleição de Romero Jucá, um grupo de jornalistas e empresários decide criar o jornal que seria independente de qualquer vínculo político: *A Folha de Boa Vista.* Com o passar dos anos, contudo, a tendência política começou ser extravasada e em pouco tempo se tornou notável o quanto o governador Romero Jucá se utilizava do artifício impresso para tornar mais visível as suas ações aproveitando para conquistar a população para eleições futuras.

O que este trabalho pretende, neste sentido, é demonstrar o histórico desses vínculos no supracitado jornal, concentrando-se na análise discursiva de edições do ano 1988, que demonstram o afã dos políticos locais em quererem ganhar espaço no recém-criado Estado da Federação. Para tanto, será adotado um duplo percurso: por um lado, serão exploradas as potencialidades históricas do jornal enquanto espaço de conflito de discursos políticos e, por outro, instrumentalizar-se-ão os processos de análise do discurso, capazes de investigar mais diretamente vínculos ideológicos subjacentes à escrita aparentemente monofônica dos jornais.

1. Um breve histórico sobre o jornalismo: de conceito à prática do impresso

O jornalismo como conhecemos hoje está intrinsecamente vinculado às questões políticas. É raro uma empresa de comunicação não estar ligada a um grupo ou ideologia partidária. Em Roraima, a situação se faz expressiva pela tradicional dependência dos órgãos de imprensa diante dos grupos políticos. Isso torna a imprensa local particularmente ilustrativa para demonstrar como se desenvolve esse tipo de filiação política e como os jornalistas constroem estratégias para legitimar o filão ideológico dos donos do jornal. Nesse sentido, o objetivo do nosso estudo é retomar etapas importantes do processo de politização do discurso jornalístico, para perceber, desde seu contexto de emergência, como o ideal da imparcialidade foi lentamente convertido numa objetividade apenas aparente, capaz de mascarar vínculos reais de filiação político-partidária.

Para falar sobre o que é jornalismo, Jorge Pedro Sousa (2008, p. 13) fornece uma série de conceitos importantes, sendo, atualmente, um dos principais historiadores do jornalismo em língua portuguesa. O autor português menciona que o jornalismo é "uma representação discursiva da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias". Segundo essa ética profissional na qual o jornalista é um intermediário entre o leitor e a realidade, o profissional não pode omitir fatos e informações importantes da população. Ele precisa agir segundo determinados procedimentos deontológicos que foram construídos pela comunidade dos jornalistas desde, pelo menos, a expansão do mercado editorial no século XVIII. Contudo, em algumas situações, mesmo diante das avançadas reflexões éticas que temos disponíveis, é impossível não ver que o profissional é constantemente constrangido a seguir a linha editorial da empresa onde trabalha.

Segundo a proposta do jornalismo moderno, o jornalista deveria se envolver com a missão de esclarecer os seus semelhantes, afastar os medos provenientes da ignorância e ajudar a construir uma sociedade mais sólida, baseada nos princípios universais que guiaram a formulação da razão na modernidade. Ele deveria, nesse sentido, ser um pedagogo e levar as luzes e os ideais de liberdade para tantos homens quanto possível. O filósofo Voltaire, intrinsecamente ligado aos ideais pedagógicos do Iluminismo, já fazia uma recomendação cara aos jornalistas do século XVIII:

> Perguntas como se deve agir para que tal jornal agrade nosso século e a posteridade. Responderei com duas palavras: Sê imparcial. Tens ciência e gosto; se, além disso, fores justo, predigo-te um sucesso duradouro. Aconselho-te, sobretudo, ao incluíres escritos de filosofia, que exponhas primeiramente ao leitor uma espécie de síntese histórica

> das opiniões propostas ou das verdades estabelecidas. Menciona na devida ocasião os inventores de todas as novas descobertas. Que tua publicação seja um registro fiel da glória dos grandes homens. Acima de tudo, ao expor opiniões, apoiando-as ou combatendo-as, evita palavras injuriosas que irritam um autor e muitas vezes toda uma nação, sem esclarecer ninguém. Exclui animosidade e a ironia (VOLTAIRE, *apud*. BERGER, 2010, p. 3).

Essas reflexões, formuladas no contexto de expansão do Iluminismo, permanecem como os principais fundamentos da atividade jornalística. Mais recentemente, segundo Gabriel Garcia Márquez (*apud*. NOBLAT, 2008), o jornalismo nada mais é do que "uma paixão insaciável que só se pode digerir e torná-lo humano por sua confrontação descarnada com a realidade". Assim como toda paixão, o profissional da imprensa acaba por cometer *loucuras* na busca pelo ângulo e matéria perfeita. Ainda que a imparcialidade sempre tenha sido considerada importante para o exercício do profissional, nunca foi despida de um compromisso sério, às vezes beirando o irracional, com a liberdade de pensar e escrever. Nesse sentido, o jornalista deve se preocupar muito mais em ser responsável por aquilo que publica. Isso não implica dizer, contudo, que ele esteja apartado das funções informativas fundamentais para o funcionamento da sociedade contemporânea, como: informar sobre a política, informar sobre a economia, educar e entreter (AMARAL, 2001, p. 17).

Jornalismo, portanto, não é uma expressão monofônica, já que seu surgimento remete ao século XVIII e sua carga valorativa implica repensar os ideais que conceberam a modernidade cultural. A longa história do jornalismo está bem além dos modelos de notícia incorporados pelo século XX, e que, inclusive, já começam a se tornar bastante problemáticas com a emergência do Jornalismo Digital. Juarez Bahia (1990, p. 09) diz, de qualquer forma, que a palavra jornalismo possui diversos significados, remetendo sobretudo às atividades de apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias e acontecimentos. O autor acrescenta que "o jornalismo é uma arte, uma técnica e uma ciência", antecipando as ideias de Eduardo Meditsch sobre o jornalismo consistir, por si só, numa forma particular de angular e construir a realidade do tempo presente (1997). Na verdade, isso duplica a responsabilidade social do jornalista já que, além de produzir uma forma particular e única de conhecimento, vinculada à organização do presente (MEDITSCH, 1997, p. 3):

> O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão,

> ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social.

Outros autores ainda o colocam como agregação de várias ciências distintas. E, inclusive, talvez seja por isso que na Academia estudamos um pouco de cada coisa, como economia, meio ambiente, psicologia, entre uma série de outros saberes distintos.

O texto jornalístico moderno, aquele que constituiu a base da difusão do exercício jornalístico, deve seu início à tentativa de emancipar a informação que se concentrava nas Gazetas publicadas pelos Estados europeus ainda no século XVII. CAMPOS (2011, p. 351) argumenta, sobre isso, que "a formação da esfera pública se processa por meio da transição entre períodos mais típicos do Antigo Regime (...). Os primeiros compreendiam as gazetas e, os segundos, os jornais". Ou seja, não apenas a política sofria mudanças no tempo, mas os periódicos e informativos também. Isso pode ser notado, particularmente, nas inovações trazidas por Addison e Steele, através do jornal *Spectator*, em 1711. Esse jornal começava a se dirigir a um público doméstico relativamente emancipado e com interesses distintos daquele do Estado. Quer dizer, o público não estava mais interessado em saber o que o Estado pretendia informar acerca dele mesmo, mas sim o que pessoas próximas a ele tinham a informar sobre os procedimentos do Estado. É essa emancipação entre Gazeta e Jornal que está na base da formação do jornalismo como "Quarto Poder" (HABERMAS, 2003). Segundo Habermas, a partir dessa forma inicial de configuração, pôde-se reunir conjuntos de homens privados com interesses semelhantes, o que o autor definiu como *esfera pública*, uma esfera intimamente dependente das atividades jornalísticas para sua expressão (HABERMAS, 2003). Nesse sentido, é importante ressaltar que a informação jornalística, antes do desenvolvimento da reportagem, era controlada pelo Estado. Na verdade, é mesmo difícil conceber a ideia de uma prática informativa longe da influência da censura.

O texto jornalístico na forma como é conhecido hoje começou a sofrer mudanças no início do século XIX com o uso do *lead,* da pirâmide invertida e com a preocupação em deixar a diagramação um pouco mais leve. Este texto não tem pretensões estéticas pronunciadas: ele quer ser sucinto e, da forma mais direta possível, informar. A partir do *lead* o leitor passa a ter um guia sobre o decorrer do conteúdo expresso do texto. Nele, o jornalista responde a cinco perguntas básicas: Quem? Quando? Como? Onde? Por quê? Historicamente, é possível dizer que o *lead* foi inserido na comunicação desde a II Guerra Mundial, mas não substitui a apresentação da matéria ou o chamado nariz de cera (BAHIA, 1990, p. 83).

Essa característica mencionada sobre a formação do texto jornalístico está diretamente ligada à importância do conteúdo ou tema proposto ao longo desta monografia, o que diz respeito a utilizar um modelo de estruturação noticiosa que ficou conhecido como pirâmide invertida. O *lead*, assim, concentra todas as informações pertinentes, ou seja, as mais importantes para começar o texto. Segundo Jorge Pedro Sousa (2008, p. 11), essa

> [...] estrutura textual da pirâmide invertida, que passa por ser invenção do jornalismo norte-americano, é essencialmente uma reconversão e um aperfeiçoamento de uma estrutura enunciativa da retórica e da literatura antigas, adaptadas à difusão de notícias pelo telégrafo (século XIX) e pelos meios impressos.

Portanto, o jornalismo não nasce a partir de um modelo formatado. Ele requer pelo menos dois séculos de prática profissional para começar a esboçar o modelo que, hoje, com o advento da Revolução Informática, começa a se tornar objeto de novas e mais drásticas reflexões. Mais do que isso, há autores como Juarez Bahia, que remetem o início da estrutura jornalística para a Grécia antiga. Os registros políticos e judiciais, nesse contexto, ajudaram a definir e fixar os temas abordados e as formas na qual eram imortalizadas pelos escrivãos da época. Essa contribuição dos povos antigos é objeto de estudo também para historiadores, além dos comunicadores. O jornal, assim, seria anterior à própria imprensa, ainda que se apresentado sem pressupostos deontológicos claros e voltado para um público inespecífico (BAHIA, 1990, p. 21).

1.1 **A imprensa e a política: o jornalista e a pauta política do século XX**

O objeto de estudo deste trabalho está inserido dentro de um período de transição de governo e poder. O século XX foi palco de grandes transformações sociais, políticas e econômicas, não só para a região que constitui o cerne de nosso estudo, mas para o mundo todo. Alguns autores afirmam que esse período teve início em 1914, com a 1ª Guerra Mundial e terminou em 1989 com a queda do Muro de Berlim. Trata-se, portanto, de um período em que a reorganização do mundo em torno de grandes sistemas econômicos exigia reflexões políticas e sociais mais intensas, gerando também a necessidade de reordenação dos jornais.

NOBLAT (2008) faz um passeio pela história da imprensa que pode ajudar muito a refletir essa reordenação. O autor destaca o início dessa trajetória dando ênfase ao movimento da imprensa no Brasil, no início do século XX. Esse panorama histórico começa em 1924 onde ao assumir *O Jornal,* Assis Chateaubriand dá início ao primeiro império de comunicação

do país, os Diários Associados. Os Diários Associados lançam, quatro anos mais tarde, a revista semanal *O Cruzeiro,* circulando em todo país.

Durante o período de 1934 a 1945 Getúlio Vargas, presidente do Brasil, instaura a censura criando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) vetando assim o registro de 420 jornais e 396 revistas. Nas décadas de 1960 a 1980 surgiram vários jornais em oposição ao Governo Militar. Dentre estes, os mais conhecidos são *O Pasquim, Opinião, Movimento* e *Em Tempo.* Os jornalistas tiveram a profissão reconhecida a partir do Decreto nº 1.117 de 1962. Em 1984 aconteceu o movimento das Diretas Já, na qual os manifestantes exigiam a participação direta do povo na escolha dos governantes e nessa época o jornal *Folha de São Paulo* estava apoiando a população. Nesse momento, o jornalismo no Brasil já se via suficientemente inspirado pelos ideias democráticos dos EUA, ainda que a imprensa, como se verá, tenha permanecido estritamente vinculada a grupos de poder e oligarquias nem sempre amistosas às ideias democráticas.

Além de enfrentar diversas formas de desigualdade social, formas precárias de desenvolvimento e sobrevivência, o homem do século XX acompanhou e transitou por muitas formas de poder, como o nazismo, o fascismo, comunismo, regimes totalitários, impérios em decadência. Porém, alguns países passaram a prezar mais fortemente pelo regime democrático, do grego Demo = povo, Cracia = poder, onde o povo passou a escolher seus representantes de forma direta, por meio de eleições. No Brasil, seguiu-se esse sistema. Primeiro aconteceu o Golpe Militar de Estado em 1964, momento que levou ao início da Ditadura Militar. Na ocasião, a imprensa estava ameaçada. Havia muita censura diante dos textos publicados pelos profissionais da comunicação. O governo controlava tudo que saia. Para CAMPOS (2011, p. 351), a imprensa passou a ter "papel fundamental na formação do Estado brasileiro enquanto lugar de críticas e autonomia".

Com toda dificuldade enfrentada pela opressão política do regime totalitário, a imprensa fica à mercê do Governo com a publicação do Ato Inconstitucional nº 5 (AI-5), em 13 de setembro de 1968. A censura estava formalizada. Os jornalistas e empresas estavam sob forte pressão e vigilância. O Governo passou a controlar todas as publicações e anúncios.

Segundo Schirley Luft (2005, p. 89), o modo de agir imposto aos jornalistas diante da

> [...] censura dos governos militares foi uma forma de silêncio imposto à sociedade em que os sujeitos só podiam ocupar o lugar que lhes era destinado pelas instituições sob forma de evitar que suas identidades aflorassem e passassem a ter força nos discursos.

Portanto, a deontologia tradicional da profissão esteve bastante comprometida conforme as empresas de comunicação se vinculavam e dependiam da esfera política e dos políticos atrelados a regimes autoritários. AMARAL (2001, p. 119) cita em seu livro *Técnicas de jornal e periódico* que a política nacional passou a ter, a partir daí, seu meio prostituído, ou seja, teria sido vendida para empresas de comunicação com cunhos partidários a troco de filiações. Tinha-se a censura que impedia que a população tivesse acesso ao que era verídico. E não se pode, nesse sentido, deixar de lembrar as opiniões manifestadas em rádios, TVs e jornais estão em movimento e transformam o momento em história (BAHIA, 1990).

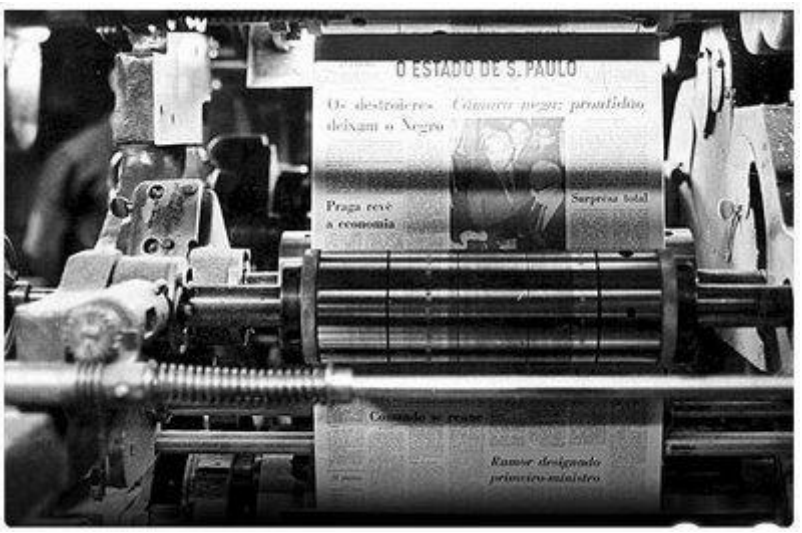


Figura 1: Os jornais circulavam com supervisão do Governo.

Todo esse processo de transição política ajudou a demonstrar o poder exercido pela imprensa sobre a opinião do público. Entre todos os assuntos e editorias de um jornal impresso, a notícia política, segundo AMARAL (2001, p. 118) "ganhou impulso com a Revolução Francesa, impôs-se aos jornais e, lutando contra todas as espécies de censura, é a grande vedeta dos veículos de informação coletiva em todo mundo". Foi a partir dessa época que começaram a circular os primeiros jornais com funções políticas. A política possui três esferas e cobri-las exige conhecimento do assunto e tempo (Legislativo, Judiciário e Executivo).

Em anos posteriores, mesmo passando por várias dificuldades, os jornais passaram por grandes transformações estruturais. Primeiro foi a condição de circulação. Mais leitores foram conquistados e a imagem passa a fazer parte das edições cotidianamente. Foi graças aos registros de profissionais da imprensa que podemos ter conhecimento de fatos ocorridos em tempos de poucas tecnologias. Onde se usavam cartas ao invés de e-mails, onde a mídia mais utilizada era o rádio e não o computador. PARK argumenta, nesse sentido, que

> [...] a história se interessa tanto pelo acontecimento como pelas conexões do mesmo; o repórter procura tão-somente registrar cada acontecimento isolado, à proporção que ocorre, e só se interessa pelo passado e pelo futuro na medida em que estes projetam luz sobre o real e o presente (Robert Park, *apud*. MEDINA, 1998 p. 69).

O caráter de um jornal ou outro qualquer veículo de informação pode ser medido pela resistência que oferece às pressões políticas e econômicas (BAHIA, 1990, p. 11). Essa transição e o início de novas tecnologias fizeram com que as empresas de comunicação estivessem mais preocupadas com a vida útil dos jornais impressos. NOBLAT (2008, p. 15) sugere ainda que "os leitores acham que o cardápio de assuntos dos jornais está mais de acordo com o gosto dos jornalistas do que com o gosto deles". Mas não só a vida dos impressos está em jogo, assim como a forma de tratamento dado à notícia.

Percebe-se que o jornalismo e o meio político estão em constante atrito, um buscando influenciar e exercer pressão sobre o outro. Se levarmos em conta o contexto em que emergiu o jornalismo moderno, como uma instância crítica desvinculada do Estado, deveremos estudar e buscar entender mais profundamente o porquê de essa divisão não ter sido bem sucedida, terminando assim na possibilidade de uma compreensão mais completa de nosso objeto de estudos.

1.2 1980: a época das transições políticas e na imprensa nacional

Na década de 1980 do século XX, o país sofreu grandes mudanças nos aspectos políticos e econômicos, com o fim da ditadura militar e emancipação de Estados, como Roraima e Amapá e a consolidação da Constituição Federal do Brasil, através da promulgação da Carta Magma em 5 de outubro de 1988 da Constituição Federal. Outra mudança significativa para a política nacional é a aprovação de projeto de lei pelo congresso que aprova a escolha direta para governadores dos Estados e põe fim ao cargo de senador biônico. É importante complementar, nesse contexto, que, segundo Jorge Pedro Sousa (2008 p. 6), os acontecimentos começaram a ser registrados a partir da invenção da escrita e "uma delas diz respeito aos aspectos administrativos".

Com relação à imprensa escrita, Juarez Bahia (1990, p. 70) argumentou que na década de 1980, a imprensa trabalhava a ideia de notícia com grande expansão para os anos seguintes: "Ela trabalha com a mente para coexistir em vantagens com a TV e isto dá resultado em áreas como noticiário político, econômico, científico, esportivo, religioso". A

imprensa brasileira passa a ter mais liberdade nas publicações, pois inicia ali, em 1988, a redemocratização efetiva e a promulgação da Constituição.

Há que salientar, aqui, que a notícia não reflete de forma cristalina a realidade social através da construção de notícias, como queriam os primeiros teóricos do jornalismo, mas consiste num tecido discursivo que nos leva a refletir sobre as tensões sociais em que os jornalistas estão envolvidos. Esse tecido seria a maneira em que os textos estão dispostos e retratam a vida cotidiana da sociedade. E, nesta medida, lembram sempre jogos e atritos políticos. Como ressalta Robert Darnton:

> As notícias não são o que aconteceu – ontem, ou na semana passada – mas sim relatos sobre o que aconteceu. É um tipo de narrativa, transmitida por tipos especiais de meios. Essa linha de raciocínio logo conduz a um emaranhamento com a teoria literária e a internet (DARNTON, 2005, p. 41).

As empresas de comunicação, ou a maioria delas, possuem manual de redação próprio onde norteiam os profissionais de jornalismo sobre como retratar com a maior veracidade possível a realidade dos fatos ocorridos. No caso das assessorias, a ação de seus assessorados de forma objetiva e clara. NOBLAT (2008) diz que um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Contudo, percebemos que esse é um ideal de conduta deontológica que, muitas vezes, acaba mascarando conflitos e orientações ideológicas inerentes aos assessorados e aos veículos de comunicação em que os jornalistas trabalham.

Quando se trata de política, o jornalista é orientado a tratar o assunto com cautela, sem envolvimento ou proselitismos mais nítidos. Ele sabe que vários critérios compõem um bom texto e um bom jornalismo. No que diz respeito às notícias políticas,

> [...] devem ser acompanhados com a honestidade por igual transparente para as diversas correntes de opinião que baseiam seu julgamento nas informações veiculadas. Em casos assim, a honestidade se soma à exatidão, à imparcialidade, à responsabilidade e à independência do noticiário, apesar de que um jornalista e um veículo são tão falíveis quanto leitores e jornalistas (BAHIA 1990, p. 15)

Os jornais impressos possuem editorias nas quais o jornalista escreve sobre determinado assunto e a matéria fica localizada em local específico no caderno: “tanto quanto

a econômica, a notícia política foi responsável pelo aparecimento dos jornais mais ou menos no estilo como conhecemos ainda hoje" (AMARAL, 2001, p. 118).

Fazer uma matéria com imparcialidade é o ideal para todo jornalista, que acaba por colocar a sua própria reputação em jogo. A empresa de comunicação perde a credibilidade e confiabilidade quando se torna totalmente ou parcialmente dependente dos interesses políticos. É necessário honestidade, objetividade, e acima de tudo, veracidade na notícia divulgada. Como lembra Juarez Bahia, "objetividade significa apurar corretamente, ser fidedigno, registrar as várias versões de um acontecimento" (1990, p. 13). O jornalista, na medida em que se exprime através de sua honestidade e se torna conhecido através dela, pode ser levado a um nítido ganho de capital simbólico, ou seja, pode arrecadar reputação, fama e prestígio, qualidades que, segundo Pierre Bourdieu, conferem a um indivíduo sua posição no espaço social (Bourdieu, 2007: 35).

Em tempos de novas tecnologias, o tradicional jornal impresso teve as suas tiragens bastante reduzidas diante de haver a massificação de aparelhos eletrônicos como computadores, gravadores e celulares. A própria TV aberta recebe um concorrente: a tv a cabo onde, dependendo da real necessidade, o telespectador fica mais livre para migrar dentre as diversas opções de canais e possibilidades de acesso a conteúdos que, dependendo do aparelho disponível, podem até grava o programa desejado para que o telespectador possa acompanhar sem perder nenhum momento. O que está acontecendo são convergências das mídias tradicionais pelas novas formas de disseminar a informação.

Muito se fala que o jornalismo precisa estar carregado de verdade, ou seja, que esteja de acordo com o fato a ser trabalhado pelo profissional. Não se pode criar expectativas no leitor com textos sensacionalistas ou com algo que pode ou não acontecer. O jornalista é o sujeito que carrega a veracidade e com isso se torna um formador de opinião. Mas, quando entramos na Academia, esses dois conceitos adquirem sentidos idênticos. Primeiro precisamos distinguir os dois substantivos que aparentemente se tornam muito similares no significado. Verdade, para o jornalismo, é a conformidade com o real; exatidão, realidade. Veracidade é a qualidade de quem busca falar a verdade[1]. Ou seja, o texto noticioso carrega as características daquele que o escreveu.

Como confiar nos textos elaborados por profissionais cuja empresa está nas mãos do poder público ou intimamente relacionada com eles? No jornalismo, esta noção de veracidade é mais útil do que qualquer noção de verdade (BAHIA, 1990, p. 12). O leitor não consegue discernir qual a real intenção do jornal ao retratar sobre determinado legislador, pois para eles

[1] Significados extraídos do Novo Dicionário Aurélio e adaptados ao conceitos dos mesmo dentro do jornalismo.

o profissional que escreve é o detentor de toda verdade, aliás, não somente o jornalista, mas a própria empresa que leva o nome estampado na capa do impresso.

Não se trata apenas do nome da empresa, como também da credibilidade que o veículo repassa aos leitores de acordo com os fatos e suas respectivas versões. Juarez Bahia conta que o jornal guarda uma origem política – proselitismo ideológico, catequese partidária, meios de ação sobre os indivíduos – que concentra opinião e doutrina. Há políticos que se lançam utilizando o nome do jornal para angariar seguidores. Como argumenta Amaral (2001, p. 121)

> O político subdesenvolvido – lança mão de numerosos artifícios para aparecer aos olhos dos eleitores. Um deles é ter o nome no jornal. Ter o nome impresso, mesmo que a informação a seu respeito não seja grande coisa. Pelo simples fato de *estar no jornal* já lhe é conferido prestígio. O fenômeno é antigo. Data do início do mundo e tem o nome de vaidade.

Em Roraima, especificamente no final da década de 1980, aconteceram muitas mudanças no contexto político e social. Nesse momento, as empresas de comunicação não escondiam o interesse por um partido ou mesmo por algum político cuja importância local era nítida. Aliás, ainda que o Estado seja relativamente novo, a luta pelo poder surgiu na década de 1940, mais precisamente em 1943. As divulgações de notícias, nesse contexto, aconteciam por meio de alguns jornais e pelo Diário Oficial do Estado. Antes disso, poucas iniciativas remetem ao papel pioneiro do *Jornal do Rio Branco*, destinado para a organização espacial dos habitantes do vilarejo ainda em 1917.

O presidente da República, na década de 40, Getúlio Dorneles Vargas, criou, segundo SANTOS (2010), através do Decreto 5.812 de 13 de dezembro, o que passaria a ser o Território Federal do Rio Branco. Esse território abrangia as cidades de Boa Vista, Moura e Barcelos. O nome foi dado pelo governador Capitão do Exército Ene Garcez dos Reis.

No ano seguinte houve o desmembramento do Território, em 20 de junho. Com isso novos territórios foram criados e Boa Vista continuou a pertencer ao Estado do Amazonas. Mas como a área de 252.565km² não era independente economicamente, a administração era gerida pela União. O então governador do Território, após essa mudança, modificou o nome para Território Federal de Roraima.

Antes de ser estado da Federação Brasileira, Roraima pertenceu ao Estado do Amazonas e os primeiros jornais impressos nessa região surgiram em 1905, sendo *O caniço* e *O Tacutu* (dois anos depois do primeiro) que estavam ligados a grupos independentes, mas tal

independência continha uma história de ataques a adversários e benefícios aos políticos locais. Márcio Souza (1977) fala um pouco sobre a história amazonense:

> Uma história escrita com a letra maiúscula do preconceito e da distorção mentirosa. Daí o amazonense não receber o mínimo necessário para se situar no tempo, nem procurar compreender as contradições do presente. Olhar para esta realidade é sentir-se um abandonado no interior de uma tradição formal e irritantemente oficial, onde o povo não aparece e os heróis são vermes dourados (p. 17).

Em 5 de outubro de 1988 cria-se o então Estado de Roraima. No cenário político nacional a Carta constituinte promulgada passava a aceitar emendas populares, assim como tornava independente os três poderes e passava a dar direito a greve e a filiação político-partidária, voto obrigatório a partir dos 16 anos, demarcação de terras indígenas, entre outros direitos[2]. Nesse contexto, SANTOS (2010) cita que

> "a direção político-administrativa do Território Federal de Roraima [teve como indicação] os seguintes governadores: 1º Romero Jucá Filho de 15 de setembro de 1988 a março de 1990; 2º Rubens Villar de Carvalho de março a dezembro de 1990; e Ottomar de Sousa Pinto de 1991 a dezembro de 1994".

Ottomar de Sousa Pinto, assim, se tornou primeiro governador eleito por votação direta em 1990, após transição para Estado de Roraima.

---

[2] Informações extraídas do site eletrônico da Câmara Legislativa Nacional

Capítulo 2 – A política retratada no jornal impresso *Folha de Boa Vista* em 1988

2.1 – A Análise do Discurso aplicada à *Folha de Boa Vista*

Para instrumentalizar o presente trabalho, serão utilizados pressupostos da Análise do Discurso como base de interpretação do material escolhido. O ano de 1988 foi de grande marco para a política da região. Sendo assim, cinco edições do jornal *Folha de Boa Vista* foram escolhidos como objeto de estudo. O método de pesquisa pretendido será de semana composta, tendo em vista, inclusive, que o jornal na época não era impresso diariamente. Como ajuste foram selecionados os dias 18 de setembro (domingo), 28 de setembro (quarta-feira), 5 de outubro (quarta-feira), 16 de outubro (domingo) e 23 de outubro (domingo).

Estudar o momento de transição de Território para Estado da Federação, ocorrido no dia 5 de outubro de 1988, chama a atenção pelo posicionamento dos políticos e do jornal de maior circulação, *Folha de Boa Vista,* o único existente atualmente e que em outubro de 2013 completará 30 anos de fundação e circulação. Esse recorte histórico servirá para entender o comportamento do Grupo Folha de Comunicação no decorrer das matérias escritas, nesta época em especial.

O uso da AD busca trabalhar a linguagem e as formas textuais dentro de um contexto histórico. Assim, procura estabelecer os sentidos que estão formulados dentro daquele contexto, seja de forma subjetiva ou não, em textos (escritos ou falados) ou imagens. Gêneros de texto são, por definição, específicos da cultura e cada língua tem uma variedade enorme de gêneros (DOOLEY, 2003, p. 20). Segundo Dylia Lysardo-Dias (1998), em seu estudo intitulado *O saber fazer comunicativo,* este tipo de análise é especificamente voltada para o sentido social e efeitos causados com seu uso, ou seja, a forma como é interpretada pelo leitor.

Ao buscar pelas filiações ideológicas do discurso, a Análise do Discurso procura capturar influências nem sempre conscientes no desenvolvimento textual. Influências estas que podem ser reproduzidas de forma mecânica, como no caso dos jornalistas que experimentam diariamente a redação de notícias a partir das orientações da sua empresa profissional. Contudo, mesmo assim está dado um posicionamento e uma disposição ideológica concreta. A língua não é opaca e nem neutra. Ela manifesta o lugar do sujeito no mundo. Como lembra Eni Orlandi:

> E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em

> movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (2002, p. 15).

Ida Lúcia Machado (1998, p. 111), no artigo *Análise do Discurso e seus múltiplos sujeitos,* ressalta a história desse método de análise. A AD teve seu início como disciplina na década de 1960 do século XX e seu idealizador foi Michel Pêcheux, juntamente com sua equipe francesa. O método como conhecemos hoje sofreu muitas modificações ao longo dos anos, ganhando outras formas de conhecimento e formando seguidores. Como lembra Ida Machado, "tal método, GROSSO MODO[3], associa aquisições do materialismo histórico da psicanálise e da linguística. O *corpus*, objeto de estudos é formado por documentos de cunho político-históricos" (p. 111).

Esses documentos podem ser ofícios, cartas, artigos, textos e jornais. Qualquer forma de registro de época reconhecido pela sociedade como verdadeiro serve como base para pesquisas sociais e leva à depuração do contexto de fala do sujeito. Num certo sentido, uma vez levado a perceber o sujeito em sua historicidade, e não como um porta-voz consciente de determinados interesses de classe, a análise de discurso pode lembrar uma forma de hermenêutica em que se estabelece uma relação de discurso entre dois falantes.

Como lembra Rita Catalina Aquino Caregnato (2005) a AD estuda o sentido não traduzido presente no texto e não o conteúdo nele expresso. A forma da escrita e de quem o gravou, o objetivo inconsciente e /ou consciente do texto. Segundo ela "o *corpus* da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem" (p. 680). Ou seja, é o posicionamento do individuo dentro de um contexto pré-estabelecido na construção do texto. Usa-se então o fator memória para salvar o passado, na forma material ou no subconsciente do sujeito. Assim acontece com os jornais. Eles consistem numa forma de retrato da realidade, mesmo que às vezes esta realidade esteja colocada de forma deturpada, mas está ali registrada no tempo e na vida das pessoas.

Cada indivíduo é dotado de raciocínio lógico, o que difere dos outros seres vivos, onde em sua linguagem, procura repassar ao outro o real interesse daquilo que pretende dizer, mesmo que não seja de forma explícita, pretendendo, por fim, chegar a um objetivo de convencimento. Objetivo esse que, segundo DIAS (1998, p. 20), diz que

---

[3] O termo "grosso modo" da autora é colocado como interpretação geral para a forma de explicação para frase.

> [...] todo ato de linguagem comporta necessariamente um objetivo, pois ele é voltado para influenciar o outro. Não se trata de postular a intencionalidade dos sujeitos comunicantes (como se fosse possível determinar 'o que o autor/locutor' quis dizer), mas a finalidade do ato em si.

Cabe nesse sentido, perguntar: por que procurar o sentido político dentro de matéria publicada num jornal? Ou melhor, será que um jornal que, aparentemente, está ligado a um partido político pode influenciar nas decisões de uma sociedade em geral? No jornalismo procura-se descrever o fato de forma lógica e linear. As empresas de comunicação seguem um padrão de texto, mesmo que voltado para a ideologia própria que se destaca das outras empresas. Tânia Regina de Luca (2005, p. 140) fala da importância em identificar a ideologia do jornal, pois

> [é importante] identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo,, é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediata e necessariamente patentes nas páginas desses impressos.

DIAS (1998, p. 21) diz que a comunicação possui algumas finalidades para o discurso político. Pode-se citar, dentre eles, o fazer-fazer[4] e o fazer-crer[5]. Para ela são duas etapas para o discurso político, como

> o discurso eleitoral, cuja finalidade é levar os eleitores a votar num candidato específico (fazer-fazer) e não apenas acreditar nas suas qualidades pessoais e na sua competência. Já o discurso político teria como objetivo a persuasão (o fazer-crer) quando busca a adesão a certos posicionamentos ideológicos.

[4] "O objetivo é levar o outro a agir no sentido desejado pelo sujeito falante, o que não implica necessariamente num tom explicitamente imperativo do discurso. No âmbito das relações institucionais, o reconhecimento da autoridade do sujeito falante advém da sua posição, que por si só evidencia sua intencionalidade". (DIAS, 1998 p. 20)

[5] "Voltado para persuadir o outro através da racionalidade e do rigor lógico. Vincular o ato de linguagem a um objetivo comunicativo significa refutar de vez uma suposta 'neutralidade' desse ato; assim, 'influenciar o outro' seria inerente à atividades linguageira. Porém, quando a intencionalidade é definida em termos de 'fazer-crer', a pratica argumentativa se configura dentro de uma estrutura mais ou menos formal, orientada pelo e para o ponto de vista do sujeito comunicante" (DIAS, 1998 p. 20).

A matéria jornalística, assim como outro texto formador de opinião precisa seguir uma linha de raciocínio. Essa linha está configurada dentro dos padrões norte-americanos de fazer jornalismo, com o uso da pirâmide invertida e do *lead*. A matéria vai carregar, além do conhecimento prévio do jornalista sobre o assunto, também a bagagem linguística da sociedade e da cultura onde aquele profissional está inserido. A objetividade do texto está relacionada à forma coesa da escrita, como diz DOOLEY (2003, p. 43):

> Diz-se que um texto é COERENTE se, para um certo ouvinte numa determinada situação de audição ou leitura, ele consegue encaixar seus vários elementos de significado numa única representação mental. Quando um texto falha em ser coeso é por que o ouvinte diz: 'Não consigo construir, neste ponto, uma representação mental para ele'.

O sujeito é capaz de construir ou desconstruir, da forma ordenada pelos superiores, um sentido de interpretação do texto. DOOLEY (2003, p. 23) entende este comportamento como funções específicas de cada gênero linguístico, que vai desde uma simples saudação até a intervenção ideológica do destinatário. Ele lembra que "alguns gêneros têm funções bem específicas, (...) e textos comportamentais para influenciar o comportamento ou atitudes".

Isso é conhecido como assujeitamento (CAREGNATO, 2006, p. 681). Na AD a forma discursiva constitui-se na relação com o interdiscurso e intradiscurso (Ibid.). Em outras palavras, o primeiro está relacionado aos saberes que o texto carrega e o segundo é a materialidade do mesmo. Ao explicar, CAREGNATO (2006, p. 681) diz que

> [...] a AD não vai trabalhar com a forma e o conteúdo, mas irá buscar os efeitos de sentido que se pode apreender mediante interpretação. Nunca esquecer que a interpretação sempre é passível de equívoco, pois embora a interpretação pareça ser clara, na realidade existem muitas e diferentes definições, sendo que os sentidos não são tão evidentes como parecem ser.

No que concerne, portanto, a um texto escrito numa época de forte aparato político é muito provável que o jornalista não tenha ficado isento de possíveis influências políticas. Em alguns casos, ele segue as ideologias da empresa e da sociedade. MACHADO (1998 p. 114) diz que esta sociedade é geradora de certas regras de conduta, de certos rituais e de vários contextos "linguageiros" que fornecem a própria teia e urdidura da vida do indivíduo.

Dentro de qualquer sociedade existe uma cultura que a difere das demais. A cultura pode conter três fundamentais características, segundo Roland Posner (1995): conter, inserido numa sociedade, indivíduos organizados dentro de instituições; produzir artefatos como

identidade, caracterizando assim seres civilizados e racionais; e possuir um sistema de costumes, ideias e valores (*mentefacto*) agregados dentro destas instituições.

As empresas de comunicação, podem servir para se firmarem diante das opressões e interesses de grupos com ideologias pró ou contra governo, servem como portal publicitário para futuras eleições ou para iniciar escândalos com opositores. O jornal é o mediador de informações entre cidadão e interesse público.

Muitos dos quem detêm o poder procuram utilizar de formas de mídia para angariar votos, sobretudo se pensarmos no caso de um jornal impresso, numa época em que as tecnologias ainda não eram disponíveis para todos e nem de fácil acesso. Segundo Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado (2009, *apud* p. 118),

> [...] a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero 'veículo de informações', transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social no qual se insere.

Em Roraima, os veículos de comunicação existentes não diferem substantivamente de outros jornais. Ou seja, estão vinculados, de alguma forma, com políticos e grupos partidários, às vezes por formas indiretas, mas com um pé na política local. Não raro, nos deparamos com textos tendenciosos escritos por seres humanos com ideologias e conceitos formados. No Estado de Roraima, atualmente existe apenas um jornal impresso para atender os 15 municípios do Estado.

A política está em todos os locais, através de poder público ou de atos e normas que regem a conduta do cidadão. No jornalismo há os regimentos que norteiam a escrita e a linguagem (formal ou não) dos profissionais, no caso o uso de manuais de redação. Sempre aconteceram conflitos entre empresas de jornalismo, o que é um fato notório. E esses conflitos atingem não somente o cidadão que compra o jornal, mas quem está entorno de quem produz.

Foi na década de 1980 que as grandes ideias de poder tomaram conta dos discursos idealistas nos impressos que circulavam na cidade. Nesta época poucos se preocupavam em esconder a linha editorial e o favoritismo publicados nas matérias. Em 1980 circulavam os impressos *"A Gazeta", "A Tribuna de Roraima"* e *"O Jornal",* todos esses extintos. A *Folha de Boa Vista,* criada pelos jornalistas Sandra Tarcitano, Cosette Spíndola e Fernando Estrella e o empresário Cícero Cruz, teve início no dia 21 de outubro de 1983 e em 2003 completará 30 anos de existência, com mais de 7 mil edições publicadas.

Os jornais, em maioria, eram originados na região sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) e vinham com discurso totalmente envolvido em fatos governamentais e de comportamentos culturais fora da realidade do povo amazônico. Esses impressos que circulavam em Boa Vista, enquanto Amazonas no início do século XX, sempre emitiam as ideias em oposição ou favorecimento a quem estava no poder. Ainda não havia eleições diretas e os governantes eram pessoas indicadas pelo presidente da República.

Segundo o diretor da *Folha de Boa Vista* em 1996, Getúlio Cruz, em entrevista para jornalista Shirley Rodrigues[6] (1996) O jornal foi fundado com princípios de independência e que o jornal sobreviveu por três fatores: "Nasceu de boa origem; possui linha editorial compatível com a expectativa do leitor e é administrada pelo proprietário".

Para explorar as relações entre editoria e política, diante das quais insistimos até aqui, optamos pela seleção de cinco edições do jornal *Folha de Boa Vista,* especificamente no que concerne às matérias de cunho político, para mostrar que essa ideia de independência política poderia ter sido esquecida no tempo. A figura do então governador Romero Jucá Filho é retratada persistentemente ao longo de toda a estrutura do jornal, com exceção da editoria de esporte. O discurso e fotografias das matérias se mostram bastante voltados para as ações do governador no momento da transição de Território para Estado.

A linguagem utilizada pelos jornalistas enfatizam que o jornal apoia o governo, pois remete ao leitor o interesse de mostrar os benefícios daquele governante. A imprensa assume o compromisso de informar o cidadão sobre os fatos decorrentes, mas de forma, na medida do possível, imparcial, quer dizer, sem comprometer a própria imagem ou a do jornal.

É de grande importância que a imprensa local não envolva a sociedade diante dos conflitos gerados por pessoas ligadas a políticos. Isso se dá porque as empresas de comunicação estão intrinsecamente ligadas na relação do poder. Observando a questão através dos postulados práticos da análise do discurso, é possível perceber que as matérias de cunho político mostram a real dependência do jornal diante dos comandos partidários, seja demonstrando procedimento favoráveis ou contrários.

Matérias jornalísticas por si só geram diversas interpretações na mente do leitor, no caso das narrativas dos fatos. Aliás, não somente otexto corrido, mas a imagem e a chamada na capa do periódico também são levadas em consideração. As palavras relacionadas criam cenas imaginárias na consciência de quem lê. Uma a uma vão formando o sentido do texto e se tornando a verdade, as vezes contestadas, mas se tornando o real para o leitor.

---

[6] Entrevista concedida no dia 20 de outubro de 1995 e encontra-se nas páginas 32 e 33 do livro *A imprensa escrita em Roraima: uma questão de ética.*

O jornalista é capaz de influenciar na opinião pré-estabelecida do cidadão utilizando a linguagem simples e fácil compreensão. O discurso criado para mostrar a benfeitoria de um candidato cria a veracidade de que aquele cidadão é bom para sociedade. A análise feita no objeto de estudos demonstra que a linguagem utilizada pelos jornalistas sugere que o então governador na época Romero Jucá Filho era um bom homem para comunidade, pois mostrava apenas o lado bom do político e o que ele estava a fazer para os cidadãos. O uso de *senhor* Jucá *e senhora* Teresa Jucá está muito ligado ao tom de superioridade e poder. No jornalismo que conhecemos hoje, mesmo a pouco tempo depois dessa época, não nos permite utilizar destas palavras para designar cargo, função ou *status* social de alguém.

2.2 – A história da *Folha*

O jornal impresso *Folha de Boa Vista* foi criado no dia 21 de outubro de 1983, durante o final da ditadura militar, ao mesmo tempo em que todos os estados da Federação brasileira buscavam liberdade política. Seus idealizadores eram jornalistas e empresários que buscavam pela imprensa independente, longe dos mandos e benfeitorias políticas. Para mostrar ao leitor a importância de *consumir* aquele jornal, o jornalista e primeiro editor Gustavo Abreu idealizou o *slogan* "Um jornal necessário", utilizado até hoje, quase 30 anos depois.

É de propriedade do economista Getúlio Cruz que, em 1987, após o jornal ter entrado em falência, adquiriu a empresa. Em 26 de junho de 1985, Getúlio assumiu o governo com mandato até 14 de outubro de 1987. Voltou a se candidatar para o cargo público de prefeito em 1990, quando perdeu para o Brigadeiro Ottomar de Sousa Pinto.

Num primeiro momento, o jornal circulava semanalmente e sua impressão era realizada fora de Roraima. Possuía apenas um caderno que reunia informes, classificados, matérias de várias editorias e coluna social. Vale ressaltar que as editorias não eram definidas da mesma forma como encontramos hoje.

Após trinta anos de fundação, a *Folha* circula em todos os municípios de Roraima, com tiragem média de 12 mil exemplares, vendidos ao valor de R$ 2,00. Em 2012 as capas dos cadernos A e B da *Folha* passaram a serem coloridas, o que foi recebido como uma novidade pelo público roraimense. A empresa também cresceu e passou a se chamar Grupo Folha de Comunicação com o jornal impresso *Folha de Boa Vista*, *Rádio Folha* na frequência AM 1020, papelaria *Papel Jornal* e o parque gráfico. As notícias também circulam na rede mundial de internet através da *FolhaWeb*.

O jornal é composto por três cadernos. No caderno A encontram-se as editorias fixas de Política, Opinião (inclui artigos, charge e o espaço do leitor), Cidade, Social e Polícia. São 12 páginas direcionadas para notícias factuais e publicidade. A capa e a contracapa são coloridas.

O caderno B refere-se às notícias e assuntos considerados frios. Nela encontra-se a coluna Okiá, Bastidores (menciona novela e famosos) e variedades. Ainda neste, há o Caderno B Nacional com notícias sobre Educação, Economia, Política e assuntos Internacionais. Também estão inserids notícias de esporte e as últimas páginas estão reservadas para assuntos especiais. Em dias diferentes da semana são publicadas matérias sobre Rock'nRoll, Cultura (Canoa Pop), Agenda Folha, Turismo e Avivamento.

Os classificados formam o terceiro caderno, onde as pessoas anunciam de forma gratuita produtos como casas, carros, móveis e até prestação de serviço. Há o espaço para que os órgãos públicos ou empresas privadas possam publicar editais. Com a busca da inovação, o Grupo Folha de comunicação lançou como encarte do jornal o *Delas,* suplemento informativo sobre moda, decoração e tendências. Há também os suplementos comemorativos, em forma de revista e totalmente colorido e gratuito. Outro produto é a revista em formato poquet, a *Quero* $_{+,}$ mensal e com linguagem mais jovem.

3 – A transição do poder: Roraima vira Estado e *Folha de Boa Vista* mostra sua tendência

O jornal *Folha de Boa Vista* é o único impresso de Roraima que conseguiu se firmar por muitos anos, atravessando três décadas compromissadas com a disposição de informação ao leitor. O ano de 1988 em Roraima foi de grandes conquistas na área de demarcação e reconhecimento do Estado da Federação brasileiro.

Para analisar o discurso político publicado no jornal, foram escolhidas cinco edições da *Folha de Boa Vista* sendo dois exemplares de duas semanas antes da promulgação, a do dia do evento e duas semanas depois do ato. Apenas as matérias de cunho político envolvendo ações do governador Romero Jucá Filho serão analisadas. Conforme tabela:

Tabela 1: Período das edições para análise do jornal *Folha de Boa Vista*

Edição	Dias
473	19 (18) de setembro
476	27 (28) de setembro
478	5 de outubro
480	13 (16) de outubro
482	21 (23) de outubro

Porém, os jornais não eram impressos diariamente, o que acarretou na adaptação dos dias escolhidos para a análise do objeto. A proposta em utilizar o método de pesquisa da semana composta foi quebrada, pois as edições do jornal não eram diárias, o que afetou a composição de uma semana completa e os valores dentro de parênteses são de datas próximas as pretendidas. Em relação à quantidade de matérias publicadas direcionadas à política local temos:

Tabela 2: Publicações sobre política local na *Folha de Boa Vista*

Edição	Quantidade de matérias de política
473	11 publicações
476	3 publicações
478	7 publicações
480	1 publicação
482	6 publicações

Romero Jucá Filho assumiu a governadoria do Território de Roraima no dia 15 de setembro de 1988, vinte dias antes da promulgação da Constituição Federal e da definição de Roraima como Estado. No dia seguinte à posse do governador, o jornal deu destaque ao que seria o novo marco da política do então Território de Roraima. Trazia como título "Reacende-se a chama da esperança: Temos novo Governador". Com isso mostra a transparência da ideologia que estava intrinsecamente ligada entre o jornal e o poder maior do Executivo.



FOLHA DE BOA VISTA

REACENDE-SE A CHAMA DA ESPERANÇA

EXTRA

Temos novo Governador

Após 329 dias ocupando - interinamente - o Governo de Roraima, o general Roberto Klein convocou, ontem, a imprensa para anunciar que será substituído, na próxima semana, pelo atual presidente da FUNAI, Romero Jucá Filho. Klein tentou manter sua apreensão, demonstrada no dia anterior, quando chegou à telefonar para o Gabinete Civil da Presidência da República para saber da veracidade de uma notícia veicula-

OS SINTOMAS

Segundo observadores políticos, a saída do general Roberto Klein já era aguardada desde o mês passado, quando teria ocorrido um atrito político com um deputado que defendia sua manutenção no Governo e a partir do empenho do deputado Mozarildo Cavalcanti que, desde o início, não aceitou a nomeação de Klein para governar Roraima, por seu "desinteresse por

Figura 2 – "Reacende-se a chama da esperança"

É possível perceber como o governador Romero Jucá Filho tinha em mãos a ajuda do jornal que mais circulava na cidade, o que se converteu numa nítida vantagem política. Mais uma vez, não podemos menosprezar o fato de que a imprensa trabalha como formadora de opinião. Utilizando uma série de artifícios discursivos, como palavras bem centralizadas e imagens apelativas no contexto da ilustração, pode-se esperar que os resultados indiquem para uma maior aceitação daquele político no ambiente social.

Romero Jucá Filho assumiu o governo do Território de Roraima por indicação do Presidente José Sarney, e governou até o início de 1990, quando pediu afastamento para concorrer nas primeiras eleições diretas para o estado de Roraima pela coligação Roraima pra Valer. Getúlio Cruz, o proprietário do jornal, havia governado o Território de 26 de junho de 1985 até 14 de outubro de 1987.

No dia 18 de setembro de 1988 do jornal *Folha de Boa Vista* foi publicada na capa a seguinte manchete: “Não vou fechar garimpo e vim pra ficar”. Esta matéria foi impressa na página 4 e defende a ideia do governador em querer transformar o Território em uma potência política na região. Não só a capa chama a atenção com esse título, mas uma nota relacionada ao governo anterior difunde a ideia de que o governador Romero estava comandando a *Folha*. Intitulada “NÃO DEIXA SAUDADES”, a nota estampada na capa tinha o seguinte conteúdo:

> A FOLHA DE BOA VISTA sempre manteve um posicionamento crítico durante esse famigerado governo que agora finda. Este jornal, juntamente com o povo roraimense pode hoje exclamar, UFA, ATÉ QUE ENFIM!
> Foi uma longa ‘década’ em dez meses. O povo, perplexo e sem futuro à vista, assistiu a passagem (mais uma) do governo mais medíocre e do governador mais obscuro da sua tão sofrida história política administrativa.
> [...] Na sua mediocricidade, deixou de lado importantes programas como asfaltamento da BR-174, o saneamento de Boa Vista, a hidrelétrica do Paredão, o Programa das Pequenas Hidrelétricas entre outros.
> [...] A dissimulação e o espírito perseguidor foi a marca registrada do seu comportamento. Perdeu a maior parte do seu precioso tempo com intrigas.

O comportamento do adversário político é associado às intrigas e à perseguição. Trata-se de uma estratégia retórica, muitas vezes reproduzida de forma pouco consciente, que associa o inimigo à atividade subterrânea, conspiratória, que a população não pode perceber de forma clara. A ideia nutrida então é que o novo governo que deriva da transformação do Território em Estado será responsável por uma “nova ordem”, em que o chefe apresentado como mais moderno e capaz, vai apresentar nova clareza e dinâmica ao jogo político.

Essa oposição entre o mau político, que age de forma conspiratória, e o político bom, que está sempre próximo do povo, remete a uma imagem bastante antiga e presente nos imaginários políticos. Ela envolve, segundo Raoul Girardet, A denúncia de uma conspiração maléfica tendendo a submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas e [...] o apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva” (GIRARDET, 1987, p. 11).

A oposição queria mostrar que o governador Roberto Klein, antecessor de Romero Jucá, não fazia nada pela população do Território usando de palavras não condicentes com a posição de uma jornalista. Esta nota mostra a generalidade em que todos os roraimenses estavam cansados de sofrer com um mal governante e que o novo governador traria a solução para todos os problemas de infraestrutura, saneamento, de moradias, etc.

Na época, o Território estava em grande expansão e a população era quem mais sofria com o descaso dos políticos locais. Como dirá mais adiante em matéria publicada, as terras pertencente a Federação estavam sem documentação dos proprietários locais. Com isso, rebatia-se muito nas questões de lotes na capital.

Com essa mudança alto escalão do Executivo, alguns políticos que aqui se fizeram ficaram indignados com a escolha feita pelo Presidente da República, Sarney Filho, em indicar o gestor da Funai para o cargo de governador interino do Território. A *Folha* publicou a seguinte matéria, onde aparece o deputado Ottomar lamentando não ter sido avisado sobre tal escolha:

> BRASÍLIA – OBN- A nomeação do novo Governador de Roraima, que vai passar a Estado logo após a promulgação da nova Constituição, causou grande surpresa ao deputado federal Ottomar Pinto (PTB-RR), já que ele tinha a promessa formal do Presidente da República de que seria ouvido quando da escolha do nome.
> Também a deputada Marluce Pinto, que igualmente pertence ao PTB de Roraima, sentiu grande frustração com a escolha do ex-presidente da FUNAI Romero Jucá Filho (p. 3).

A ideia de uma renovação política atravessa toda a estrutura do jornal, remetendo sempre o leitor para uma determinada oposição entre o antigo e corrompido e o novo e restaurador. Evidentemente, essa novidade política, é sempre apresentada como em conformidade com os interesses da população. Assim, abundam os detalhes que remetem o leitor para a euforia apresentada pelos elementos populares, isto é, aqueles que representam a maior parcela votante.

O trecho da matéria publicada na página mais importante do jornal mostra que as questões políticas eram muito fervorosas na época e que o jornal não perderiria a oportunidade de publicar algo tão inquietante como a frustração dos deputados opositores. A ideia da derrota implica que o jornal estaria disposto a qualquer jogada para manter a boa imagem do novo governador em destaque.

Essa manifestação textual demonstra a população que o governador poderia enfrentar diversos problemas e impecílios durante seu mandato e que representaria uma ameaça aos seus concorrentes. Nesta data, o jornal também acompanhou a chegada de Romero Jucá Filho com cobertura especial desde o desembarque até o primeiro pronunciamento. Com títulos pertinentes a beneficiar Romero, a *Folha de Boa Vista* insinuou que o antecessor estava apenas cumprindo missão em solo roraimense, como consta na matéria publicada na

A transição política, assim, assume quase os caracteres mágicos de rompimento: o novo chefe possui uma forma pronta e determinada de governar. Como é anunciado na mesma edição de 18 de Setembro de 1988:

> Não estou vindo para Roraima em uma missão, estou aqui para uma etapa de vida. [...] Serei mais do que um governador eleição, serei uma governador com o compromisso de fazer de Roraima um grande Estado". Com essas palavras, que quase botou abaixo o Palácio 31 de Março, com uma manifestação de euforia, por parte dos presentes, o novo governador de Roraima, Romero Jucá, recebeu o cargo do ex-governador Roberto Klein que ontem, deu por encerrada sua missão no Território (p. 3).

O novo chefe de estado demostra sua satisfação e garante para os roraimense que não fará de Roraima apenas um porto político. A expressão de euforia citada na matéria remete ao leitor que todos estão plenamente satisfeitos com a chegada de Romero Jucá. No entanto, uma citação demonstrando o poder decisivo de mudança, com todos os adjetivos possíveis. Aliás, tal sentimento de satisfação remetido em matéria que continua quando é anunciada a chegada do governador: "O novo governador de Roraima, Romero Jucá chegou a Boa Vista, ontem, às 16h30min, acompanhado de sua esposa D. Teresa Jucá. [...] No caminho, muitos fogos de artifícios e um buzinaço foi feito" (p. 4).

As matérias construídas pelo jornal vão reunindo, dentro da estrutura narrativa atrelada à transmissão do posto de governante, uma variedade de elementos que demonstram, de forma metafórica, os caracteres compromissados do novo governador. Ele apresenta, assim, elementos populares, como a disposição de "suar a camisa" e trabalhar pelo bem comum. Percebe-se que o início do texto há um trecho do discurso de Romero Filho no Palácio do Governo e o jornalista enfatiza. Evidentemente, esses caracteres denunciam a ideologia prática do jornal, conforme demonstram os dispositivos da Análise do Discurso:

> [...] Na sua primeira entrevista à imprensa após a transmissão do cargo, Romero Jucá disse que não pretende fazer qualquer mudança no secretariado. 'Minha principal preocupação no momento é analisar os planos do governo, apressar o ritmo das obras e negociar junto ao Governo Federal novos programas para o Território' (p. 4).

Segundo a mesma proposta de Análise do Discurso, as enunciações não são construções inocentes, despidas de preocupações concretas. Elas se inserem numa disputa ideológica que implica pensar as disposições dos indivíduos no tabuleiro de jogos sociais. Portanto, a entrada de Romero Jucá no governo local é vista como a expressão de algo maior,

um sentimento que extrapola Roraima. O jornal trata logo de associá-lo a um conjunto de outros políticos, como o nacionalmente importante Alcides Lima:

> O Secretário de Agricultura, Alcides Lima, disse ontem que a nomeação de Romero Jucá para o governo do Território de Roraima já estava sendo aguardada com expectativa e ela 'veio em boa hora', levando-se em consideração a necessidade que tinha a população de um governador definitivo.
> [...] Alcides Lima ficou satisfeito com a nomeação do novo governador do Território e disse que, a partir de agora 'Roraima vai desenvolver ainda mais para a tranquilidade da população' (p. 4).

É preciso levar em conta, aqui, que a ideologia, em sua busca pela autoconfirmação e legitimação, costuma sempre apelar para determinados elementos míticos. Os principais deles são, segundo o mesmo R. Girardet, a conspiração dos maus, a transparência do bom governador e a Idade do Ouro que há de remir os homens guiando todos para um futuro melhor (GIRARDET, 1987, p. 11). Ainda que a troca de governo não aponte, através de critérios pragmáticos, para nenhuma benfeitoria específica, a todo o momento as edições do jornal analisado apontam para a chegada de uma "Idade do Ouro": as coisas pela mera presença do novo governador, já se tornam como que, automaticamente, melhores.

As demonstrações das melhorias acontecem através da presença popular e de um sem-número de solenidades públicas envolvendo o governador. Enquanto o novo governador é aclamado pelo público, o antigo governador sai como que de soslaio, fugindo, o que caracteriza a turbulenta transição entre a saída do ruim e a entrada do "bom governante":

> Logo após a solenidade de posse, o ex-governador Roberto Klein deixou o Palácio 31 de março e foi direto para o aeroporto em companhia de sua esposa, D. Tereza e de seu assessor especial Luiz Militino, com destino à Brasília. Antes de embarcar, o ex-governador fez questão de prestar contas de sua administração e do discurso de despedida leu um completo 'dossiê' de tudo que fez nesses 11 meses de governo (p. 4).

Diante do fato, em que um governador com poderes exercidos em apenas 11 meses, sem anuncio de melhorias e de postura turbulenta é usado por Romero Jucá como base de conquista e simpatia para um possível engajamento nas raízes da política e no coração dos roraimenses, para garantir o futuro na administração deste local. Em grifo, a palavra dossiê[7]

[7] Coleção de documentos relativos a um processo, a um indivíduo e, por extensão a qualquer assunto.

remete a tudo feito em pouco tempo, uma forma de demonstrar que não foi um mal político, mas a *Folha* não enfatizou os tais benefícios ditos por Roberto Klein.

As próximas edições do jornal mostrarão quanto a política do Território estava cada vez mais formulada e ligada as questões históricas de quem passou antes pelo Executivo. O Discurso ideológico atrelado ao perfeccionismo de uma pessoa que demonstra o querer fazer a população, mostra que o jornal estava condicionado a divulgar as ações do governador Romero Jucá.

O assunto forte da época eram as questões habitacionais e energéticas. Quem ocupava algum cargo público se favorecia dessas ações de alguma forma, até que o jornal começou a desmascarar os feitos dos opositores. Até porque esses programas habitacionais viam de governos mal sucedidos gerando oportunidade maior para o governador ganhar ainda mais confiança da população através de seu discurso.

A edição do dia 28 de setembro de 1988 tem como título da capa *Bingo clandestino: Prisão preventiva para promotores,* e se refere a uma pratica ilegal ocorrida na distribuição de casas habitacionais na época. As matérias políticas desta edição não estavam tanto para as ações do governador, mas da preparação para campanha eleitoral daquele ano.

Diferente da forma das campanhas realizadas 25 anos depois, o jornal publicava os famosos *santinhos*, datas de comícios e propostas dos candidatos concorrentes no pleito. Em 1988, a campanha eleitoral era para escolha de vereador e prefeito em todos os municípios. Como a ordem partia do Estado do Amazonas, a justiça eleitoral tomou providências e agiu contra candidatos em três municípios, conforme matéria:

> O Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas decidiu, ontem, cassar as candidaturas do PMDB e PTB nos municípios de Alto Alegre, Mucajaí e Caracaraí após julgar procedentes os recursos impetrados pelo pedido de repugnação dos candidatos João Melo, Airton Soligo e Amauri.
> Com essa decisão, três municípios do Território poderão ficar sem candidatos pelo PMDB e PTB caso não consigam cumprir os prazos estabelecidos pela justiça eleitoral (p. 3).

Outra notícia publicada na página 3 está referida a campanha em rádio e Tv. Intitulada "Começa amanhã a propaganda política no Rádio e na Tv", o candidato da coligação (PMDB, PTB, PDT e PDC) pertencente ao governador Romero é beneficiada com o maior tempo em espaço livre para veiculação de propaganda gratuita em mídias de massa. Ottomar Pinto (PTB) é candidato a prefeito de Boa Vista e terá ao todo 51 minutos por dia.

A *Folha* não era impressa diariamente, o que pode ter contribuído para concentração de matérias governamentais que circulavam pela cidade. Este fator também acaba por envolver as notícias com tempos um pouco mais distantes e com menos importância no ponto de vista *deadline.* Como exemplo o início dos comícios eleitorais e o partido que iniciaria a caminhada nas eleições. Na página 3, o jornalista coloca matéria "PFL sai na frente com o 1º comício", colocando hora e local para comparecimento da população.

Em 5 de outubro de 1988 a edição número 478 da *Folha de Boa Vista* traz estampado na capa a seguinte frase: "TERRITÓRIO JÁ ERA. RORAIMA É ESTADO" e difunde a grande vitória na justiça por esse grande resultado. No subtítulo dizia o seguinte:

> A espera durante mais de 40 anos, a tirania de governadores autoritários e 'cumpridores de missão', já faz parte do passado. A subordinação morreu, dando lugar a uma nova esperança que exige de todos nós, um espírito de união, de luta e decisão em nome da manutenção de liberdade que conquistamos, LIBERDADE, AINDA QUE TARDIA (n. 478, p. 1).

Ainda que o jornal tente demonstrar total despretensão aos vínculos políticos da época, é possível encontrar na capa chamadas que passam referencias sobre as ações do governador de Roraima, Romero Jucá. Esta data simboliza a esperança para os roraimenses por dias melhores. E essa esperança cresce alimentada por promessas, como a entrega de títulos definitivos, explicada na matéria disposta na página 3.

> [...] o governador Romero Jucá começa a entregar os documentos em princípios de novembro, dentro da sua filosofia de trabalho que prevê a busca de solução para a grande maioria dos problemas fundiários urbanos de Boa Vista até o final de seu mandato.

Muito se falava nas questões fundiárias e os jornalistas mostravam em suas matérias que o governador do Território sempre se propusera a solucionar todos os problemas sociais existentes. Em especial no que concerne à supracitada edição, quando um sentimento de liberdade pairava no ar, a população poderia se tornar mais vulnerável ao discurso idealizador da figura que viria salvá-los e garantir a proteção em direção a um futuro promissor.

Dessa matéria se originaram notas que sempre enfatizavam a ideia de solução final. Seja qual fosse a intenção, esse discurso de Romero Jucá esteve sempre atrelado ao lado mais frágil da sociedade, geralmente carente dos benefícios mais primários, como a segurança de ter um local para morar e energia elétrica para abastecer moradias e lojas comerciais. Os jornalistas não dispensavam o uso desses termos afirmativos, onde colocavam o *senhor*

Romero com grande destaque, mostrando que é um homem capaz de enfrentar sol e chuva para ajudar seu povo. É isso o que demonstra a seguinte matéria:

> O governador Romero Jucá Filho esteve, neste final de semana, no loteamento Tancredo Neves II onde, mesmo debaixo de chuva torrencial, assegurou, de viva voz às famílias carentes que ali se encontravam, que todos vão receber os seus lotes através do Serviço Fundiário do Governo de Roraima (n. 478, p. 3).

Essas atitudes que dizem respeito a demonstrar préstimos ao povo poderiam ser usados para despistar algum erro ou futuros impasses na administração pública. Seria uma espécie de amenizador de ânimos, já que o jornal podia ser pensado então como o veículo de comunicação que atingia mais rapidamente boa parte da população. Assim como o governador usou algumas questões negativas relativas aos políticos anteriores, poderia utilizar também a sua vinda providencial, em meio ao caos administrativo, para mostrar para população que era confiável e que as situações ruins poderiam se tratar simplesmente de armação (leia-se, conspiração) dos adversários. Na sede em deixar tudo nos conformes, o jornal retratou a ida do governador a Brasília a fim de buscar ajuda junto aos ministros das Minas e Energias, do Interior e do Itamaraty. Assim diz na parte extraída do texto:

> [...] Durante os três dias em que permanecer em Brasília, o governador Romero Jucá deverá manter encontros com o ministro do Interior, João Alves, das Minas e Energias, Aureliano Chaves e do Itamaraty, Abreu Sodré. Nos três ministérios, Romero Jucá vai tratar de assuntos ligados aos problemas do Território como a questão energética e de intercâmbio comercial entre Brasil, Venezuela e Guiana, que será feito através do Governo do Estado. 'São três problemas urgentes que preciso resolver nessa minha ida a capital', lembrou o governador (p. 3).

O jornal publica mais duas ações relacionadas a Romero Jucá. A primeira diz respeito à reintegração de três funcionários aos cargos públicos, sendo um prefeito de um município. Esses funcionários haviam sido presos por crime político na época da ditadura. Com a promulgação da Constituição, essa lei foi invalidada e os cidadãos puderam retomar ao exercício.

A segunda nota, disposta de fora discreta ao fim da página, fala da festa organizada para comemoração ao dia das crianças. Surge então a figura emblemática da primeira dama, *Dona* Teresa Jucá, que garante à população muita diversão, acepipes e um show do grupo Algodão Doce. Foram distribuídos brinquedos para os presentes na capital e anunciada a distribuição, em dias seguintes, de brinquedos no interior do Estado.

Para deixar a população a par da lei, a *Folha de Boa Vista* utilizou as páginas 4 e 5 (n. 478) para publicação do texto referente à Constituição Federal. O texto está disposto em colunas e acompanhado de figuras ilustrativas, como se percebe logo abaixo:



Figura 3 – Ilustração da Constituição de 1988

Esta disposição textual retratada nas páginas centrais do jornal contribui para o entendimento ou para noção de existência de que a lei está a favor dos cidadãos brasileiros e estimula ainda mais a sensação de nacionalidade dos roraimenses com a criação e reconhecimento de Roraima como parte da Federação.

Diretamente vinculado à questão nacional, estão os grandes benefícios de "integração" trazidos pela administração de Jucá. A tiragem publicada no dia 16 de outubro de 1988, por exemplo, tem como título "Diretores da CER podem ser demitidos a pedido da Eletronorte":

> Às 19 horas da última sexta-feira, o governador Romero Jucá recebeu em seu gabinete os jornalistas para anunciar o novo critério de sorteio das casas construídas pelo Sistema Financeiro de Habitação. As informações constam em Nota Oficial distribuída pelo Palácio 31 de março, onde constam os endereços dos postos de inscrições, espalhados pela cidade. As pessoas já sorteadas nos conjuntos Caimbé e Pricumã, receberão as suas casas, ficando suspensas as indicações políticas, conhecido como 'sorteio padrinho', quando políticos escolhem as pessoas a serem 'sorteadas' com casas, em detrimento aos verdadeiros necessitados.
> Ainda na conversa mantida com os jornalistas, Romero Jucá abordou diversos assuntos, que inicialmente não constatavam na pauta, entre os quais o Banco de Roraima, CER e os garimpos (p. 3).

O jornal *Folha de Boa Vista* de 23 de outubro de 1988 estampou em sua capa um dos símbolos postais do Estado ameaçados de desabamento, sob o título: "Ponte dos Macuxis poderá desabar". Contudo, na página de política surgiam matérias relacionadas às questões mais específicas de segurança e energia elétrica. Nesse ponto, o jornal retrata a disponibilidade de Romero Jucá em traçar e captar projetos e programas para arrecadação de verba para trabalhar na viabilidade de energia:

> Utilizando recursos do Programa Nacional de Agroenergia, o governador Romero Jucá Filho, através da Secretaria de Agricultura está lançando as bases para a implantação da eletrificação rural em Roraima. Segundo o secretário Alcides Lima, a primeira Pequena Central Hidrelétrica, com capacidade para gerar até 1.100 kilowatts, será instalada na colônia agrícola do Samã, município de Boa Vista, na região de fronteira com a Venezuela (p. 3).

O discurso proposto pelo jornalista responsável pela matéria na *Folha de Boa Vista* em enfatizar a atuação de Romero Jucá Filho em todas as conquistas relativas ao engrandecimento do Estado, expõe a fragilidade de proposta de trabalho do jornal e sua postura diante das questões político-partidárias. É o que se vê no fragmento seguinte, em que a atuação particular do governador é confundida com todo o aparelho político envolvido em melhorias no interior de Roraima:

> O governador Romero Jucá Filho está cumprindo uma série de visitas pelo interior de Roraima a fim de inteirar-se da situação de cada município, dar apoio aos prefeitos em suas ações comunitárias e, principalmente, liberar recursos para obras prioritárias e para pagamento de pessoal. Incluindo Boa Vista, Jucá repassou verbas para todas as prefeituras da ordem de Cz$ 150 milhões de cruzados, oriundos do Fundo de Participação dos Estados (FPE), Projeto Nova Fronteira e Transferências Governamentais (TGT) (p. 3).

Assim como as questões mais polêmicas a serem discutidas no jornal, a segurança pública também foi alvo da falácia de poderosos que buscavam ganhar prestígio. No caso em destaque, o senhor Coelho, indivíduo de comportamento político questionável, é mencionado na matéria como artífice dos planos benéficos de Romero Jucá. Nesse sentido, o foco da matéria incide sobre o apoio dedicado pelo governador recém chegado ao poder:

> O Secretário de Segurança Pública, Pedro Coelho, disse que já tem metas claras para solucionar o problema da segurança em Roraima: contratar mais delegados e agentes – através de concurso público – adquirir e equipar novas viaturas, executar uma política de valorização do policial, reativar o Plantão Central, ativar ações da Polícia Civil nos bairros e estreitar o relacionamento da Secretaria na periferia promovendo, inclusive, encontros com líderes comunitários a fim de erradicar a criminalidade.
> […] O governador Romero Jucá já mostrou sua disposição em atender aos pleitos da Secretaria, inclusive a realização ainda este ano, de concurso público para a contratação de pessoal (p. 3).

Romero Jucá, neste sentido, se mostra todo tempo muito prestativo ao povo e seus discursos se tornam bastante repetitivos nas páginas do jornal, mudando apenas o foco da questão. O jornal serve nesse sentido como um portal que permite ao público ver as suas ações positivas, de forma quase messiânica, e as ações negativas de seus adversários políticos, sempre confundidas com a ideia de conspiração. As ideias, muitas vezes expostas de forma quase inconsciente, se debruçam sobre as ações do governador como intrinsecamente boas, mesmo quando geram conseqüências atabalhoadas, como no caso dos problemas da Companhia de Águas e Esgotos de Roraima:

> Preocupado com os problemas enfrentados pela Companhia de Águas e Esgotos de Roraima – CAER, que não tem conseguido atender a demanda do consumo de água na Capital, o governador de Roraima, Romero Jucá Filho, determinou ao presidente da empresa, Paulo Sérgio Ferreira Mota, que apresente um programa de emergência para amenizar a situação, além da elaboração de um projeto de expansão, que será executado já no ano que vem (p. 3)

E, mesmo diante da incapacidade explícita de desferir críticas contra a administração do governador, este incensa e elogia a atividade da imprensa, garantindo que a total liberdade de expressão deve vir completamente em favor do público. Na inexistência, evidentemente, de órgãos de imprensa contrários, seria temerário buscar cercear essa mesma liberdade. É possível, assim, ler, ainda na edição de 23 de outubro:

> […] O governador assegurou ainda total isenção em relação aos veículos legais, garantindo em seu governo, apoio a liberdade de expressão.
> Acho que o trabalhado da imprensa é muito importante. Importante porque, ao divulgar as ações do governo, gera transparência para população dos atos governamentais. E ao criticar o governo, permita

> que se corrija o que por ventura esteja errado. Mas, as coisas devem feitas numa base de respeito mútuo, sem mesqueria ou ataques que nada constroem", concluiu Jucá (p. 4).

Não é de hoje que os políticos possuem vínculos ou empregam familiares em alguma empresa ou instituição à parte. A primeira-dama Teresa Jucá fazia parte do mais alto cargo da PRONAV, dito como a detentora da liberação de verbas para programas sociais, como a Secretaria de Promoção Humana como conhecemos hoje. Nas páginas do jornal, contudo, isso surge como uma conseqüência benéfica, quase restauradora, de se ter um grupo político "responsável" no domínio do Estado:

> Através do PRONAV, o governador Romero Jucá assinou, convênio com o Rotary Club de Boa Vista repassando recursos para que aquele clube de serviços proceda à reforma das instalações onde funcionava a Escola de 1º Grau "Afrânio Peixoto, no bairro Calungá, onde a entidade vai implantar, em menos de um mês, uma creche para atender a 150 crianças em período integral. A primeira-dama de Roraima, Teresa Jucá , que é a presidente estadual do PRONAV, ressaltou a importância desse convênio, no valor de Cz$ 8 milhões (p. 5).

Ainda na mesma página, exaltam-se os feitos da primeira dama local, sob a manchete: "D. Teresa consegue Transporte para Escola Especial":

> A primeira-dama de Roraima, Teresa Jucá, que é presidente do PRONAV estadual, anunciou medidas práticas voltadas para a assistência social em Boa Vista, visando, principalmente, um maior amparo aos órgãos que cuidam dos deficientes, da criança e dos idosos (p. 5).

Destarte, pode-se concluir que, com o casal no poder, a imprensa ficava mais recuada e cada vez mais a imagem do casal adquiria amplitude. A presença da primeira-dama, sempre revestida de sua jovem beleza, contribui assim para a construção de uma imagem de energia e transparência, ainda quando esses gestos de afeto e afinidade política se misturaram a nítidos atos de nepotismo. Pode-se pensar, por fim, que o jornal, visto como veículo político-partidário, mostra-se crescentemente incapaz de esboçar críticas aos indivíduos-políticos que estão próximos do financiamento do jornal e acabam servindo, por conta disso, de instrumentos de propaganda política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os compromissos éticos do jornalista, como demonstrado nesta monografia, estão diretamente vinculados com a estruturação do ambiente social. Nesse sentido, o jornalista tem como dever se pautar por um ambiente harmônico e ajudar a gerir a comunidade como um todo. Na medida em que escreve, o jornalista fixa determinados fragmentos de memória, hierarquiza aquilo que é importante em detrimento do que deve ser esquecido e, assim, acaba sendo um ator ativo no processo de construção – político – da história.

Por conta dessa relação de proximidade com a política, os indivíduos que sobrevivem diretamente da política acabam buscando relações amistosas com os veículos de jornalismo, se não mesmo tentando assumir sua direção e utilizando-os em benefício próprio. Quer dizer, descaracterizando suas atribuições de "esfera pública". Os políticos, na busca do poder e reconhecimento popular, utilizam de argumentos e ferramentas para conquistar a simpatia dos futuros eleitores, nem que para isso seja necessário a utilização ativa de jornais tradicionalmente reconhecidos pela sua hombridade e distanciamento.

Foi nesse sentido que, como se buscou demonstrar, o jornal a *Folha de Boa Vista* foi instrumentalizada, sobretudo no turbulento ano de 1988, para servir de voz e expressão de determinados clãs políticos, mitigando os seus ideais de independência e imparcialidade. Isso acabou demonstrando que, de forma um tanto quanto desoladora, a política partidária acaba avançando sobre o compromisso ético dos jornais, limitando sua criticidade e utilizando-o como porta-voz de interesses apenas particulares.

Entende-se que a partir desse momento de euforia cuja visibilidade o ano de 1988 extravasa, o jornal acabou se tornando veículo de disseminação de propaganda eleitoral. Noutras palavras, o político Romero Jucá Filho se instituiu detentor de grande do poder sobre o Estado, com amplo respaldo da opinião pública, através de um discurso jornalístico que, na sua ânsia de fazer proselitismo, acaba evidenciando nuances um pouco apelativas.

Viu-se, neste trabalho, tendo por instrumental teórico a análise do discurso, que a história de Roraima era usada como forma de chantagem e vantagem para mostrar que para tudo tinha solução. A história era revirada em busca de exemplos benéficos para o líder político, criando uma imagem messiânica que, certamente, tinha amplo respaldo de uma população incapaz de perceber com um olhar mais crítico o conteúdo das mensagens. Nesse sentido, por fim, pode-se concluir que a *Folha* estava servindo de mediador para benefício político de terceiros.

ANEXOS


FOLHA DE BOA VISTA

NÃO VOU FECHAR GARIMPOS
E VIM PARA FICAR !

NÃO DEIXA SAUDADES

Deputado reage contra Juca

O ESPETÁCULO DE SEU

Capa do jornal Folha de Boa Vista – 18 de setembro de 1988

Nota estampada na capa do dia 18 de setembro


Garimpeiro perde mais de meio milhão na poupança da CEF
POLÍTICA NO RÁDIO E TV


NÃO DEIXA SAUDADES
Deputado re contra Ju
O ESPETÁCULO

Festa na chegada do governador


É TEMPO DE TRANSIÇÃO
ACABARAM-SE AS "MISSÕES" EM RORAIMA
Romero Jucá começa hoje a suar a camisa e convoca secre
Festa na chegada
O ENDOSSO DE QUEM CONHECE
KLEIN SE DESPEDE SOB TENSÃO
repercussão

Folha de Boa Vista de 28 de setembro de 1988

Folha de Boa Vista 05 de outubro de 1988



FOLHA DE BOA VISTA

Diretor: Catulo Soares EDIÇÃO Nº 479 BOA VISTA, QUARTA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO DE 1988 PREÇO Nº CR$ 700,00

TERRITÓRIO JÁ ERA. RORAIMA É ESTADO!

A espera durante mais de 40 anos, a tirania de governadores autoritários e "cumpridores de missão", já faz parte do passado. A subordinação morreu, dando lugar a uma nova esperança que exige de todos nós, um espírito de união, de luta e decisão em nome da manutenção da liberdade que conquistamos. LIBERDADE, AINDA QUE TARDIA!

GOVERNADOR REINTEGRA FUNCIONÁRIOS CASSADOS

O governador Romero Jucá Filho assinou ato de aprovação para a reintegração de quatro funcionários do Território, cassados entre 1964 e 1970. A medida beneficia Lourival José da Silva, ex-prefeito de Cancaraí; Onildo Assunção do Nascimento, ex-integrante da extinta Guarda Territorial; Walter Bastos de Melo, ex-prático de engenharia e Hélio Pires Pinheiro. (Pág.7)

CIRURGIAS ELETIVAS SERÃO NORMALIZADAS

Após praticamente um ano sem realizar cirurgias eletivas em Boa Vista, operações previamente programadas, a Secretaria de Saúde de Roraima, prepara-se para retomar esta atividade médico-hospitalar. A informação foi prestada pelo secretário de Saúde, Ramiro Teixeira. (Pág.7)

CONSTITUIÇÃO

As conquistas consagradas na nova Constituição brasileira, que entra hoje em vigor; dá ao Brasil uma das mais avançadas constituições do mundo, principalmente no que se refere aos direitos do cidadão e no campo social, com garantias aos aposentados, à criança e ao deficiente. A FOLHA apresenta nas páginas 5 e 6, um resumo.

TODOS SOMOS RESPONSÁVEIS

O Brasil acorda hoje, sob a vigência de sua 8ª Constituição. Roraima não é mais Território. São duas realidades que os brasileiros habitantes desse setentrião passam a viver agora.

Para o País as mudanças impostas pela carta constitucional são mais profundas do que apresentam à primeira vista. No campo dos direitos sociais e do trabalho temos uma das constituições mais avançadas do mundo moderno, desde o direito irrestrito da greve até importantes avanços na seguridade social.

As conquistas dos trabalhadores vão desde uma aposentadoria justa (ainda bem !), até retribuição maior para jornadas prolongadas ou trabalhadas nos turnos diferentes daquele cujo costume os indicou para descanso e lazer.

A nova Constituição também traz no seu bojo uma imensa reforma da república brasileira. Há um processo de descentralização brasileira, com o fortalecimento dos Estados e Municípios mais ricos, mercê dos mais pobres, mormentes os do Norte.

Os direitos individuais a partir de hoje, colocam os brasileiros entre aqueles cuja liberdade tem as mais amplas e avançadas regras constitucionais do mundo democrático-cristão al o "habeas data" e o mandado de injunção, entre outros.

Roraima é Estado. Assim estabelece a Carta Magna. Agora somos finalmente um cidadão igual aos demais brasileiros. Agora os tecnocratas do Ministério do Interior terão que arranjar outras desculpas para ganhar dólares e com ela comprar "taxi-guilhos" na Zona Franca de Manaus. A partir de hoje os Ministros do Interior com algumas exceções, que nunca vieram aqui, não vão mais decidir o nosso futuro. Não poderão mais utilizar-se de Roraima para arranjar emprego e benesses para seus apaniguados. Não seremos mais o quintal de um Ministério que após Andrezza passou a ser apenas um cargo e um cabide de emprego.

Esse é o lado bom da história. E o outro ? Toda autonomia tem seu preço. Somos um Estado, sem energia e transporte. Nossa economia caminha trôpega levada, cuer pelos ventos da incompetência, que nos exportam do Planalto Central, vide os Roberto Klein's da vida.

Perdemos um precioso tempo. Boa parte da infra-estrutura necessária ao Estado poderia ter sido financiada quando Território, pois agora a União assumirá o débito. Não foi. E agora ? Quem financiará? De onde sairão os recursos para implantar os poderes judiciário e legislativo, inclusive, os auxiliares ?

Enfim, temos uma nova Constituição e Roraima é Estado. As elites brasileiras e roraimenses assim o quizeram. Como em todas as chamadas democracias representativas, as elites falaram em nome do grande e heterogêneo povo brasileiro. É preciso frisar bem claro que uma Constituição nada mais é do que a formalização de um pacto social. Só o futuro vai dizer se as nossas elites, da esquerda ou direita, falaram em nome do povo sintonizado com ele ou se esse pacto obedeceu os ditames dos grupos sectários ou de interesses tão comuns. Durante o processo constitucional, com espetáculos ora de radicalismo ora de despudor, muitos denunciados corajosamente pela imprensa brasileira.

É agora no dia a dia, que os trabalhadores deverão demonstrar estarem preparados para, com produtividade, responderem à avançada legislação social brasileira. Também os empresários mostrarão se estão preparados para entenderem que no mundo moderno, o trabalho é tão ou mais importante que o capital. Não sendo assim, continuaremos a ser o país, onde as prateleiras estão abarrotadas de leis e o cotidiano é feito dos pactos firmados pelos usos e costumes.

Quanto ao Estado de Roraima, ele está aí, queiramos ou não. As elites políticas o quizeram, o povo não foi consultado. Nada contribuirá a agora estéril discussão do contra ou a favor, pois o que se apresenta é um povo disposto a progredir e uma região que mesmo sem infra-estrutura dispõe de razoável potencial econômico.

Temos um novo governador e portanto, é ou se esperar um novo governo. É importante nos unirmos todos, para todos vivermos as dificuldades e vantagens que advirão com novo Estado. Ele é responsabilidade solidária até daqueles que não o quiseram.

Jucá garante terra para todos

Roraima Jucá, mesmo problema que parecia ultrapassar o questão fundiária. (Pág.3)

Promulgação: ULYSSES E SARNEY CONVIDAM ROMERO

A promulgação da Constituição de 1988 contará com a presença do governador Romero Jucá Filho. Atendendo chamado do presidente da República, José Sarney, e do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, o governador viajou à Brasília para participar da promulgação da nova Carta Magna.

Aproveitando sua passagem pela capital federal, o governador de Roraima terá reuniões com a Eletronorte e com o ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, no sentido de buscar soluções imediatas para a questão do abastecimento energético do Território.

Jucá lembrou que a questão está bem encaminhada, desde a semana passada, quando participou de duas reuniões na Eletronorte e trouxe técnicos da empresa para uma visita às instalações da CER. A posição do ministro porém, será de fundamental importância para uma agilidade maior na solução da questão dentro da máquina do Governo Federal.

O governador, que retornará na quinta-feira (06) a Boa Vista, deverá manter contatos também com outras entidades de governo, visando encaminhar projetos e arrecadar recursos federais para Roraima.

"DETETIVE" É PRESO QUANDO ASSALTAVA

Página 6

ALGODÃO DOCE NA FESTA DAS CRIANÇAS

(Pág.3)

GOVERNO DO ESTADO DE RORAIMA
Gabinete do Governador

MENSAGEM AO POVO

A CONSTITUIÇÃO DE 1988 TEM PARA RORAIMA UM CARÁTER ESPECIAL.

A PARTIR DE AGORA, O SONHO DE CONSTRUIR NOVOS CAMINHOS E A ESPERANÇA DA MELHORIA DE VIDA ESTARÃO, MAIS QUE NUNCA, VINCULADOS À NOSSA CAPACIDADE DE LUTA E DE TRABALHO.

CONCLAMO TODOS OS RORAIMENSES À CONSTRUÇÃO DO FUTURO, SEM DISTINÇÃO DE CREDO, RAÇA OU COLORAÇÃO POLÍTICA.

RORAIMA PRECISA DE NOSSA UNIÃO E DE NOSSO ESFORÇO.

RORAIMA, SOMOS TODOS NÓS.

ROMERO JUCÁ FILHO
Governador de Roraima

Página de política: matérias no dia da promulgação



ROMERO VAI ENTREGAR 3 MIL TÍTULOS DEFINITIVOS

ROMERO QUER SOLUÇÕES URGENTES

GOVERNADOR VISITA TANCREDO NEVES II

GOVERNADOR REINTEGRA FUNCIONÁRIOS CASSADOS

CER promove discussão sobre energia

ALGODÃO DOCE NA FESTA DAS CRIANÇAS

Folha de Boa Vista 16 de outubro de 1988



FOLHA DE BOA VISTA

POR ENQUANTO COELHO CONTINUA

Diretores da CER podem ser demitidos a pedido da Eletronorte

BARÉ CONTA COM O GOLEIRO AUGUSTO COMO REFORÇO

VIOLÊNCIA

"MONSTRO DO JOCKEY" CONTINUA SENDO CAÇADO PELA POLÍCIA

PRAZO DO TRILEÃO ENCERRA-SE DIA 30

SEAGRI adia abertura da XXVI EXPOAGRO

SEDUC com inscrições abertas para vestibular da UFRJ

JUCA QUER JOGOS ESCOLARES NO INTERIOR

ACABOU-SE A "BANDALHEIRA" NOS SORTEIOS DE CASAS

Folha de Boa Vista, 23 de outubro de 1988



FOLHA DE BOA VISTA

POR FALTA DE MANUTENÇÃO

PONTE DOS MACUXIS PODERÁ DESABAR

"Miss Gay" será eleita dia 29

PREVIDENCIÁRIOS CONTINUAM EM GREVE

Jucá socorre prefeituras com Cz$ 150 milhões

14 jogos hoje no Peladão

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico.* 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 2001.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: As técnicas do jornalismo.* São Paulo. 1990.

BERGER, Christa. *Jornalismo no Círculo Hermenêutico*. Sbpjor. 2010.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Brasil: Rio de Janeiro, 2007.

BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia*. Dissertação, 2002. Disponível em: www.teses.usp.br.

CAMPOS, Adriana Pereira. *História da historiografia.* Ouro Preto, nº 7, 2011. P. 350-356.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. *Pesquisa Qualitativa: Análise de discurso* versus *Análise de Conteúdo*. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84.

DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington*: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DE LUCA, Tania Regina. *"História dos, nos e por meio dos periódicos"*. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

Departamento de imprensa oficial do Estado de Roraima. Site acessado em 1º de julho de 2013. http://www.imprensaoficial.rr.gov.br/historia.php

DIAS, Dylla Lysardo-. *O saber fazer Comunicativo.* IN MACHADO, Ida Lúcia (org). *Teorias e práticas discursivas: estudos em análise do discurso.* Belo Horizonte: UFMG/FALE/Núcleo de Análise do Discurso: Card Borges, 1998.

DOOLEY, Robert A. LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do Discurso: conceitos básicos em linguística.* Petrópolis, RJ. Vozes, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio de Lingua Portuguesa.* 4ª ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

Folha de Boa Vista: um jornal necessário. Edição nº 473. Boa Vista: 18 de setembro de 1988.

Folha de Boa Vista: um jornal necessário. Edição nº 476. Boa Vista: 28 de setembro de 1988.

Folha de Boa Vista: um jornal necessário. Edição nº 478. Boa Vista: 5 de outubro de 1988.

Folha de Boa Vista: um jornal necessário. Edição nº 480. Boa Vista: 16 de outubro de 1988.

Folha de Boa Vista: um jornal necessário. Edição nº 482. Boa Vista: 23 de outubro de 1988.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias políticas*. Bertrand, 1987.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública:* investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984 ou 2003.

LUFT, Schirley. *Jornalismo, meio ambiente e Amazônia: os desmatamentos nos jornais O Liberal do Pará e A Crítica do Amazonas.* São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005.

MACHADO, Ida Lúcia (org). *A Análise do Discurso e seus múltiplos sujeitos.* IN *Teorias e práticas discursivas: estudos em análise do discurso.* Belo Horizonte: UFMG/FALE/Núcleo de Análise do Discurso: Card Borges, 1998. P. 111-120.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e* industrial. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1988. (Novas buscas em Comunicação; v. 24).

MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?* 1997. Disponível em http://revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/1084/5273

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário.* São Paulo: Contexto, 2008. 7ª ed. 1ª reimpressão.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 2002.

RODRIGUES, Shirley. *A imprensa escrita em Roraima: uma questão de ética.* Boa Vista. Editora Compukromus, 1996.

SANTOS, Adair J. *Roraima – História Geral.* Boa Vista: Editora da UFRR, 2010.

SILVA, Angela Maria Moreira. SOUTO, Clivea de Farias. Et al. *Manual de normas para apresentação dos trabalhos técnico-científicos da UFRR.* Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

Site Câmara Legislativa http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy_of_decada-de-80. Acessado em 8 de julho de 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. *História do Jornalismo no Ocidente.* Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf